

DESPERTANDO OS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA PSIQUE FEMININA POR MEIO DAS ETAPAS DE INICIAÇÃO PROPOSTAS NO CONTO VASALISA EM “MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS”

Marcia Corralero Rosa Rodrigues¹
Roseli Aparecida Monaco²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o conceito de individuação proposto por Carl Gustav Jung, por meio do conto Vasalisa, da obra Mulheres que correm com os lobos, em que a psique feminina (inserida em uma cultura patriarcal), tem a possibilidade de percorrer uma jornada de iniciação com o propósito de despertar o “Arquétipo da Mulher Selvagem” que representa a integração “Ego-Self” cujas características são a criatividade, espontaneidade e liberdade de ser e estar no mundo. Conclui-se que mergulhar nas profundezas (inconsciente), interiorizar, buscar e produzir os insights necessários é criar um movimento de interiorização ego/self, fazendo nascer o self intuitivo e, assim, fortalecer a confiança para um novo modo de ser e estar no mundo.

Palavras-Chave: Individuação. Arquétipo da Mulher-Selvagem. Iniciação. Psicologia Analítica. Integração Ego-Self.

ABSTRACT: This article aims to analyze the concept of individuation proposed by Carl Gustav Jung, through the short story Vasalisa, from the work Women who run with the wolves, in which the female psyche (inserted in a patriarchal culture), has the possibility of traveling an initiation journey with the purpose of awakening the “Wild Woman Archetype” which represents the “Ego-Self” integration whose characteristics are creativity, spontaneity and freedom of being in the world. It is concluded that diving into the depths (unconscious), internalizing, seeking, and producing the necessary insights is creating an ego/self-internalization movement, giving rise to the intuitive self and, thus, strengthening confidence for a new way of being and being in the world.

Keywords: Individuation. Wild Woman Archetype. Initiation. Analytical Psychology. Ego-Self Integration.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Santo Amaro (UNISA), Graduada em Pedagogia pela Universidade São Marcos, Graduada em Comunicação, com habilitação em Relações Públicas pela Universidade Anhembi Morumbi, pós-graduada em Psicologia Analítica Junguiana pela USCS, pós-graduada em Intervenção ABA para Autismo e Deficiência Intelectual pelo CBI of Miami, pós-graduanda em Psicanálise Winnicottiana pela Faculdade Unyleya. Já atuou como professora na rede pública (Estado) e diretora na Escola Batista (escola de Educação Infantil). Atualmente, atua como psicóloga, Responsável Técnica e sócia na clínica Centro Psicopedagógico Maristela Corralero Ltda. Interessa-se por Psicologia Analítica Junguiana e o uso do “fazer artístico” no processo psicoterapêutico.

² Mestre na área de Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui Master em Tecnologia da Educação pela American Intercontinental University, Pós-graduação em Psicopedagogia pela PUC/SP, especialização em Vincularidade de Casal e Família na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e graduação em Psicologia pela Universidade de Santo Amaro. É professora e Supervisora de estágios do curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA). Tem experiência nas áreas de Educação e Psicologia, com ênfase em psicologia da educação e do desenvolvimento, psicanálise, lúdico na Educação, educação a distância, atuando nos seguintes temas: psicanálise, psicologia e Educação, avaliação psicológica, formação de professores presencial e a distância. Foi educadora do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos da Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Foi professora do curso de Pedagogia e Psicopedagogia da Faculdade Paschoal Dantas. É psicóloga clínica e Psicopedagoga.

INTRODUÇÃO

Entrar em contato com a obra de Clarissa Pinkola Estés (2014) em “Mulheres que correm com os lobos - Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem”, possibilita colocar em perspectiva a compreensão sobre os aspectos do percurso que as mulheres podem realizar em seu processo de individuação que é atravessado pela família, cultura, sociedade e ancestralidade, tendo como pano de fundo a energia psíquica feminina marcada pela força do inconsciente que movimenta o modo de ser e estar no mundo. O objetivo deste artigo é refletir sobre a representação e expressão do feminino inserido em uma cultura patriarcal, com vistas a resgatar o arquétipo da mulher selvagem cujas características são a criatividade, espontaneidade e liberdade de ser e estar no mundo de forma integrada com o eixo Ego-Self.

Por individuação, Jung (2011) conceitua:

O processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural. (p.467).

Stein (2006), comenta como sendo “a experiência total de integridade ao longo de uma vida inteira – o surgimento do si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência – é conceituada por Jung e denominada individuação” (p.153).

2878

Como metodologia foi utilizada a análise documental com base no conto Vasalisa contido na obra de Clarissa P. Estés (2014) em que abordou o processo do caminho da individuação proposto por C.G.Jung na abordagem da Psicologia Analítica.

A relevância de tal temática nos tempos atuais se faz necessária no sentido de aprofundar a compreensão da multiplicidade de fatores que tem colocado a mulher em uma condição de menos valia.

De acordo com dados estatísticos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA(2023), sobre a violência contra as mulheres:

Para além de violências cotidianas, as mulheres também são atingidas pela violência letal: na última década, entre 2011 e 2021, mais de 49 mil mulheres foram assassinadas no Brasil. (Atlas da Violência, 2023. P. 42).

Diante dos dados alarmantes de feminicídio e violência contra a mulher há que se pensar em problematizar as razões que embasam tais dados ao tempo em que se busca despertar em cada mulher seu caminho de iniciação para uma vida criativa, plena, com sentido e significado, onde se perceba respeitada em sua condição de mulher.

HISTÓRIA DA RELAÇÃO MULHER-HOMEM NOS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO

Pensar nos aspectos psíquicos do feminino é pensar no modo como se deu o desenvolvimento das relações entre homens e mulheres ao longo da história, remontando os primórdios da civilização em que a energia da alma, alinhada às forças do inconsciente, direcionava o modo de ser no grupo social. Seres humanos ainda viviam da caça e coleta. O papel da mulher era o de criadora da vida na medida que, por meio dela, a terra era povoada. Entendiam que, assim como a Mãe-Terra, a mulher magicamente trazia a existência outras vidas. Tal papel era da mais alta relevância, sendo, portanto, adorada como deusa. Tal adoração era resultante de uma observação da similaridade da mulher com a terra em seu poder de criar a vida e, portanto, merecia ser honrada, respeitada e reverenciada por meio do culto à deusa. O modelo matriarcal foi gradativamente perdendo sua força, abrindo espaço para que o período patriarcal se instaurasse.

PATRIARCADO

2879

As relações sociais foram sendo ampliadas com o avanço e desenvolvimento da coletividade e uma nova energia, a do animus, representante da consciência, passou a vigorar. O arquétipo da Mulher Selvagem, cuja energia é lunar, foi sendo historicamente reprimido e dominado pelo animus, energia solar, chegando até nossos dias alimentado pelos ditames do patriarcado. A deusa já não era mais adorada como a “Grande Deusa da sexualidade”, ligada a terra (telúrica), uma energia sexual (libidinosa). O homem vai enxergando outros anseios, qual seja, os anseios da razão e, assim, separa-se dolorosamente de sua alma, abrindo espaço para que surja uma alma negativa.

A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

No tempo presente, pode-se identificar as relações de poder e dominação por parte dessa alma negativa nos mais variados espaços de atuação social. Toma-se como exemplo a forma patriarcal de matrimônio, onde o homem sustenta as qualidades “masculinas” de atividade e de domínio e a mulher sustenta as qualidades “femininas” de dependência e submissão.

A mulher, ao desconectar-se da lógica masculina de opressão e encarceramento que a impedem de ser ela mesma, se coloca em posição de iniciar a jornada de individuação na busca

de integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade. Os aspectos negligenciados pela repressão da sexualidade e a luta pela igualdade de direitos e condições suprimidas com o advento do patriarcado, retornam na sociedade contemporânea pedindo restauração da cisão ocorrida na busca de uma integração harmoniosa da psique feminina.

De acordo com Neumann (2000),

A linha patriarcal do desenvolvimento da consciência leva a uma condição na qual os valores masculinos-patriarcais são dominantes, valores esses frequentemente concebidos em oposição direta aos do Feminino arquetípico e do inconsciente. (p. 31).

DESPERTANDO OS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA PSIQUE

Alguns aspectos na psique feminina são relevantes para o bem conviver, pois formam o tecido de sustentação que permeiam as relações humanas. Cabe destacar, dentre outros aspectos, alguns considerados como relevantes no processo de compreensão e ressignificação na história pessoal, a saber: o autocuidado psíquico, a conscientização sobre o processo histórico em que se deu a construção do feminino, a percepção, o respeito, o acolhimento e a valorização de si mesmo. Na medida em que se avança no processo de compreensão de si mesmo, promove-se a possibilidade de uma possível ressignificação de aspectos psíquicos que já não mais fazem sentido, tendo em vista esse novo olhar que apreende os sentidos de si, do outro e do mundo. Ao ignorar tais variáveis pode-se ver comprometido o êxito de um despertar de consciência que aproxime o feminino da sua condição de mulher selvagem (mulher que detém o poder criador de seu próprio potencial). O caminho da individuação é árduo e longo, pois promover a integração Ego-Self não é tarefa para principiantes, não é tarefa para quem não está disposto a pagar o preço de questionar e pôr a prova todas as convicções, crenças, traumas, dores e angústias.

2880

De acordo com Stein (2006),

A experiência total de integridade ao longo de uma vida inteira – o surgimento do si mesmo na estrutura psicológica e na consciência – é conceituada por Jung e denominada individuação..., mas a plena expressão e manifestação da personalidade levam uma vida inteira para desenrolar-se. O si-mesmo emerge pouco a pouco, através dos numerosos estágios do desenvolvimento descrito por Jung e outros teóricos como Erick Ericson (pp. 153,155).

MÉTODO- ANÁLISE DOCUMENTAL

Este artigo é uma análise documental com base nas reflexões propostas no “Conto Vasalisa” de Clarissa Pinkola Éstes (2014), em “Mulheres que correm com os lobos”, onde a autora identifica, nomeia e propõe estratégias de contato e ressignificação para os diversos

componentes que representam a psique da mulher, colocando como condição essencial o processo de iniciação cuja tônica é o despertar da “transmissão da benção do poder da intuição das mulheres de mãe para filha, de uma geração para outra”. (p.98). O modo como vai se constituindo a psique feminina vai também constituindo o modo de ser e estar na vida, podendo ser saudável ou não, a depender do quão implicado está o indivíduo em permitir que o “Arquétipo da Mulher Selvagem” fundamente seu processo criativo e suas escolhas.

Não é tarefa fácil romper com séculos de aprisionamento do “feminino selvagem”, uma vez que estamos “tateando em terreno obscuro” buscando emergir à consciência a força e o poder inerente a cada mulher em seu próprio estágio de desenvolvimento.

O CONTO VASALISA

O conto Vasalisa é uma história antigüíssima, contada na Rússia, Romênia, Polônia (em todos os países bálticos) e trata da iniciação de uma mulher cuja percepção aponta que as coisas nem sempre são o que parecem ser.

O “Conto Vasalisa” apresenta o caminho da psique em seu processo de iniciação. “Nesse conto, há nove tarefas a serem cumpridas pela psique. Elas se encontram na aprendizagem dos hábitos da Velha Mãe Selvagem” (p.98). Ferramentas como intuição e instinto são exploradas no conto como recursos que permitem à mulher ver o que há para ser visto: “para conhecer o que há para ser conhecido, para ser a guardiã do fogo criativo e para ter uma compreensão íntima dos ciclos de vida-morte-vida de toda a natureza – assim, é uma mulher iniciada” (Éstes, 2014, p.91).

O caminho de iniciação avança na medida em que vão sendo cumpridas as tarefas propostas por Baba Yaga à Vasalisa que realiza cada etapa tendo o auxílio da intuição, recebida por meio da transgeracionalidade.

O processo consiste em fazer uma verdadeira “faxina psíquica”, limpando, tirando o que não mais tem razão de ser ou estar, alimentando e nutrindo sua principal ferramenta, a intuição, entrando em contato com os mistérios (representado pelatomada de consciência de aspectos psíquicos reprimidos ou relegados, assumindo-os como igualmente importantes no caminho da individuação).

O ápice do conto se dá no momento em que Vasalisa “fulmina” as vozes psíquicas negativas representadas pela madrasta e suas filhas. Nesse momento, Vasalisa deixa de ser a menina gentil e generosa, boazinha demais, para ser uma mulher que se posiciona assertivamente diante da vida.

RESULTADO E DISCUSSÃO

COMPREENDENDO O PROCESSO DE INICIAÇÃO PARA O DESPERTAR DO “ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM”:

As diversas etapas que compreendem o caminho de iniciação vão se construindo paulatinamente atingindo o ápice quando a mulher se encontra pronta para transitar pela vida reconhecendo seu valor e potência, sendo senhora de si e protagonista da própria história.

ETAPAS

A. MÃE BOA DEMAIS (REPRESENTAÇÃO ARQUETÍPICA DO PERCURSO DE DESENVOLVIMENTO DA PSIQUE FEMININA TENDO EM CONSIDERAÇÃO A INTUIÇÃO COMO RECURSO DA MULHER SELVAGEM)

De acordo com Éstes (2014),

Aceitar o fato de que a mãe psíquica protetora, sempre vigilante, não é adequada para ser um guia para a futura vida instintiva da pessoa (a mãe boa-demais morre). Assumir a realidade de estar só, de desenvolver a própria conscientização quanto ao perigo, às intrigas, à política. Tornar-se alerta sozinha, para seu próprio proveito; deixar morrer o que deve morrer. À medida que a mãe boa-demais morre, a nova mulher nasce (Ibidem, p.98).

2882

Inicia-se então, o caminho da individuação. Entrar nessa jornada é adentrar a “floresta escura” a que o conto se refere, buscando um encontro com o Si-Mesmo, desidentificando-se com as projeções do ego ideal, mas tal incursão, necessariamente, não ocorre como um movimento natural do desenvolvimento humano.

Jung (O.C.7/1, 2018), apresenta o conceito de vida-morte-vida a partir da perspectiva de que a vida é feita de ciclos diversos,

É claro que a vida, como todo ciclo, tem um começo e um fim e que cada começo também é o começo do fim...todo ciclo é um fenômeno energético e que a energia só pode ser produzida pela tensão dos contrários (p.40).

A morte da mãe-boá-demais, representa o conceito de vida-morte-vida apresentado no Conto Vasalisa representando a compreensão dos ciclos a que Jung se refere.

Segundo Stein, 2006,

O ego da criança e da pessoa jovem saudáveis empenha-se na tarefa de aprender a estabelecer o seu próprio mundo, tornando-se independente nas condições oferecidas por circunstâncias de nascimento... toda e qualquer cultura espera e exige da pessoa jovem a realização do desenvolvimento e adaptação do ego à cultura a que ela pertença (pp.155-156).

Nessa fase de adaptação, o ego busca encontrar meios de se conformar aos ditames da cultura perdendo, assim, a conexão com o Self criativo.

B. DENUNCIAR PIORES PARTES DE SI MESMO (REPRESENTADA PELA IMAGEM ARQUETÍPICA DA MADRASTA E SUAS FILHAS SIMBOLIZANDO O RELACIONAMENTO COM OS ASPECTOS NEGATIVOS DA PSIQUE)

Aprender ainda com maior conscientização a largar a mãe excessivamente positiva. Descobrir que ser boazinha, que ser gentil e simpática não fará a vida florir. (Vasalisa torna-se escrava, mas isso de nada adianta). Vivenciar diretamente a própria natureza sombria, especialmente os aspectos exploradores, ciumentos e rejeitadores do self (a madrasta e suas filhas). Incorporar esses aspectos. Criar o melhor relacionamento possível com as piores partes de si mesma. Deixar acumular a tensão entre quem se aprendeu a ser e quem se é realmente. Trabalhar, afinal, no sentido de deixar morrer o velho self para que nasça um novo self intuitivo (Éstes, 2014, pp. 109-103)

Esse é o trecho da história onde Vasalisa se encontra com a nova família e tenta se adequar, conformando-se em um papel de submissão, sendo “boazinha demais”. Tal modelo aponta para aspectos reprimidos que foram relegados à sombra, mas que nem por isso estão reprimidos para sempre no inconsciente, ao contrário, manifestam-se em sonhos, nas fantasias, nos atos falhos etc.

De acordo com Monteiro, 2008, apud Whitmont, 1969, p.250,

Agora as repressões da primeira metade da vida que serviam ao desenvolvimento do ego já não podem mais ser mantidas. Agora será apresentada a conta daquilo que se evitou nos anos anteriores. Tudo o que foi deixado para trás tinha mesmo que ser deixado para trás porque não era adequado à adaptação externa, ao sucesso e à utilização prática, exigências essas que agora devem ser ouvidas e compreendidas (p.38).

2883

C. SAIR DE CASA E SE LANÇAR NAS TREVAS (TENDO COMO INSTRUMENTO DE APOIO A INTUIÇÃO. TAL PERCURSO PROPICIARÁ UM RELACIONAMENTO INTUITIVO COM O RACIOCÍNIO, PERCEPÇÕES, HABILIDADE DE RACIOCÍNIO, EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGEM DE VIDA).

Consentir em se aventurar a penetrar no local da iniciação profunda (entrada na floresta) e começar a experimentar o sentimento numinoso novo e aparentemente perigoso de estar imersa no poder intuitivo. Aprender a desenvolver a sensibilidade ao inconsciente misterioso no que se relaciona ao direcionamento e confiar exclusivamente nos próprios sentidos interiores. Aprender o caminho de volta para a casa da Mãe Selvagem (obedecendo às instruções da boneca). Aprender a nutrir a intuição (alimentar a boneca). Deixar que a mocinha frágil e ingênua morra ainda mais. Transferir o poder para a boneca, ou seja, para a intuição (Éstes, 2014, p. 106).

É nesse momento da história que a força da intuição na psique feminina aparece como elemento de discernimento e tomada de consciência, não pela rota do biológico, da percepção e dos sentidos, mas por uma compreensão que no dizer de Piccini, 2016, apud Medina, 1980,

Capacidade do aparelho mental de perceber um fato, uma ação, um fenômeno sem os elementos próprios da lógica, mas com a imaginação: sem o instrumento da palavra, mas com a capacidade de [...] fazer conexões de signos e significados pré-verbais [...]. [Ela] é um saber sem um porquê ou para que [...]; é o início do pensamento sem discurso [...]

mas que leva à ideia e ao conceito. No ato intuitivo o sujeito "vê" a coisa, ou melhor, "sente-se sentir" [...]: é um pré-sentir. (pp. 485-486).

Navegar nas trevas amparada pela intuição requer refletir sobre a vida externa, a vida acontecendo nos mais variados ambientes, considerando-se as relações na família, no trabalho e com os amigos.

D. BABA YAGA - MEGERA SELVAGEM. REPRESENTAÇÃO DA HONESTIDADE. NÃO RECUA. ENQUANTO VASALISA A RESPEITA, ELA ENTREGA O QUE FOI PROMETIDO. EX. “MULHERES QUE FORAM TREINADAS PARA SER BOAZINHAS, BABA YAGA RANGE OS DENTES NOS SONHOS”. COMO UMA SEGUNDA MÃE PARA VASALISA, APRESENTA-LHE OS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA PSIQUE POR MEIO DA REALIZAÇÃO DE TAREFAS.

De acordo com Éstes (2014),

Ser capaz de suportar o rosto apavorante da Deusa Selvagem sem hesitar (topar com a Baba Yaga). Familiariza-se com o mistério, a estranheza, a “alteridade” do selvagem (residir na casa de Baba Yaga por algum tempo). Adotar nas nossas vidas alguns dos seus valores, tornando-nos, portanto, também um pouco estranhas (comer seus alimentos) Aprender a encarar um poder enorme nos outros e subsequentemente nosso próprio poder. Permitir que a criança frágil e boazinha em excesso vá definhando ainda mais (pp. 109-110).

Quando se fala em encarar a Deusa Selvagem e familiarizar-se com o mistério está se propondo um conceito no processo de individuação que se refere a “Integração da Persona e Sombra”. Tais conceitos são apresentados por Jung dentro de um mesmo domínio nos extremos desse espectro. Ascender a esse poder, que se realiza por meio do serviço à Baba Yaga, somente será possível quando, na tensão entre os dois opostos, o ego for capaz de oferecer um novo símbolo que se manifesta em uma solução criativa.

Ampliando tal compreensão, Stein (2006) pondera,

Um conflito entre opostos – persona e sombra, por exemplo – pode ser considerado como uma crise de individuação, uma oportunidade para crescer através da integração... Como o conteúdo da sombra não é aceitável para a persona, o conflito pode ser encarniçado. Jung sustentou que se os dois polos são mantidos em tensão, uma solução surgirá se o ego puder livrar-se de ambos e criar um vazio interior no qual o inconsciente possa oferecer uma solução criativa na forma de um novo símbolo. Esse símbolo apresentará uma opção de movimento para diante que incluirá algo de ambos – não simplesmente um meio-termo, mas um amálgama que requer uma nova atitude por parte do ego e uma nova espécie de relação com o mundo. Esse processo pode ser observado quando as pessoas se desenvolvem em terapia e através da experiência de vida – quando superam seus antigos conflitos, assumem novas personas e integram partes anteriormente inaceitáveis de si mesmas (p.113).

E. SERVIR O NÃO RACIONAL

Afirma Éstes (2014), “ficar com a Deusa Megera; aclimatar-se às imensas forças selvagens da psique feminina. Chegar a reconhecer o poder dela (o seu poder) e os poderes das purificações interiores” (p.113).

- Lavar roupas, limpar a casa, quintal, separar, cuidar da psique (escrever, cantar, meditar, respirar consciente)
- Organizar os pensamentos (limpar a casa psíquica e mental)
- Lavar a roupa – clarear pensamentos
- Comida – alimentar com paixão a criatividade
- Meditar regularmente – cada mulher descobre seu próprio tempo e seu modo peculiar de estar presente no “aqui-agora”.

Prestar serviços à Baba Yaga é entrar em contato com seus próprios poderes, suas habilidades esquecidas ou deixadas para traz por circunstâncias da vida. Servir à Yaga é encontrar um caminho onde o self criativo tenha espaço e liberdade. Tal serviço pressupõe retirar o velho e o que não mais faz sentido para que o novo possa chegar. Arrumações envolvem fechar ciclos ou desfazer-se do que não tem mais sentido ou significado. Limpar e arrumar a casa psíquica pressupõe organizar os pensamentos, entrar em contato com sentimentos e rever comportamentos para que o Self Criativo assuma o espaço deixado pelo velho Self.

2885

Hall (2022), faz referência a esse processo intrapsíquico responsável pelo encontro com o Si-Mesmo quando pondera sobre a verdadeira identidade do complexo de ego:

A verdadeira identidade do complexo do ego é o Si-Mesmo. E a identidade do Si-Mesmo é misteriosa. O Si-Mesmo não se encontra completamente desvinculado, mas está menos aprisionado às categorias de tempo, espaço e identidade do que o ego ingênuo... O Si-Mesmo encontra-se voltado para o processo de individuação, tanto de “Si-Mesmo” como das situações das quais participa – em última análise, com a individuação do universo como um. O ego ingênuo, em contrapartida, costuma deixar-se aprisionar pela defesa das imagens que faz de si mesmo, imagens essas que, do ponto de vista do Si-Mesmo, não tem mais importância do que os vários papéis que a persona tem para o ego – isto é, para o Si-Mesmo, essas imagens são importantes para determinados propósitos, mas em última análise são dispensáveis. O Si-Mesmo arquetípico é, em termos conceituais, o centro de toda a psique (pp. 261-262).

Servir ao não racional implica um contato do ego com o Si-Mesmo cujo encontro promoverá uma verdadeira “faxina” resultando em uma nova forma de ser no mundo: algo de leveza, de criatividade e de flexibilidade psíquica darão a tônica desse novo ciclo. Há que se considerar: - Que faxina precisa ser feita? O que precisa ser limpo? O que precisa fazer, aprender, criar, deixar ir? (que ações, valores ou situações não cabem nesse processo de iniciação?)

F. SEPARAR ISSO DAQUILO- milho bom/milho mofado – estrume/papoula

A boneca, como representante da intuição, pede-lhe que vá dormir, deixando os barulhos internos e externos e indo dormir. Ao amanhecer, a intuição já realizou o trabalho (dar espaço para o raciocínio elaborar... dormir)

Vários são os aspectos onde a psique deverá caminhar em seu processo de iniciação. Éstes (2014), falando sobre a importância das escolhas, refere:

Aprender a discriminar meticulosamente, a separar as coisas umas das outras com o melhor discernimento, aprender a fazer distinções sutis (ao escolher o milho mofado do milho são e ao selecionar as sementes de papoula de um monte de estrume). Observar o poder do inconsciente e como ele funciona mesmo quando o ego não está familiarizado (os pares de mãos que aparecem no ar). Aprender mais sobre a vida (o milho) e a morte (as sementes de papoula) (pp. 119-120).

A autora, nessa passagem, relata sobre aqueles momentos em que necessitamos de uma boa solução e as ideias parecem não ser adequadas ao que se necessita. Nesse momento, nos permitimos aguardar a contribuição do inconsciente, pois intuição e sincronicidade podem surgir como resposta à especificidade da questão.

De acordo com Jung, 2005),

Os fenômenos sincronísticos são a prova da presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal; em outros termos, elas provam que um conteúdo percebido pelo observador pode ser representado, ao mesmo tempo, por um acontecimento exterior, sem nenhuma conexão causal (p. 94).

2886

Atentar-se aos insights, às respostas vindas dos sonhos e às sincronicidades são alguns dos elementos que contribuirão no caminho de iniciação da Mulher Selvagem.

G. PERGUNTAR SOBRE OS MISTÉRIOS

Nesse contexto, Éstes (2014) comenta:

Perguntar e tentar aprender mais a respeito da natureza da vida-morte-vida e de seu funcionamento (Vasalisa pergunta sobre os cavaleiros). Aprender a verdade acerca da capacidade de compreender todos os elementos da natureza selvagem (“saber demais pode envelhecer antes do tempo”) (pp.120-121).

Perguntar demais pode envelhecer antes da hora. Existe um tempo de amadurecimento. Há necessidade de se respeitar esse tempo. Na medida que amadurecemos, ficamos prontas para avançar no caminho da individuação (Não ficar presa aos mistérios, perguntando isso e aquilo, correndo o risco de não voltar mais para a vida natural).

Segundo Hall (2014), o desenvolvimento da personalidade pressupõe um trabalho de conscientização:

Somente através da conscientização pode um sistema de personalidade proceder à sua individuação. Supõe-se que seja – ou que deveria ser – a meta suprema da educação tornar consciente o que é inconsciente. Educar, como indica a etimologia da palavra, é tirar de dentro da pessoa algo que já está presente nela em estado nascente, mas não encher de conhecimentos um recipiente vazio (p.72).

Há um estágio de desenvolvimento que deve ser respeitado e cada mulher tem seu tempo, tempo que lhe é próprio no caminho de iniciação.

H. DE PÉ NAS 4 PATAS

Nesse estágio, a psique já vivenciou os vários estágios alquímicos integrando seus aspectos sombrios, anima e animus e persona, tendo como ferramenta relevante e norteadora a intuição.

A tarefa proposta por Éstes (2014) nesse estágio é:

Assumir um poder imenso de ver e afetar os outros (o recebimento da caveira). Ver as situações da própria vida com essa nova luz (descobrir o caminho de volta à família da madrastra. (p.124).

Nesse estágio são consideradas as características, virtudes, poderes e qualidades que se sabe possuir usando-as como ferramentas indispensáveis na resolução de conflitos, pendências ou quaisquer outras necessidades que se apresentarem.

Jung, 2008, refere sobre a configuração do crescimento psíquico onde podemos identificar a postura de uma psique integrada, a saber:

Surge, gradualmente, uma personalidade mais ampla e amadurecida que, aos poucos, torna-se mais consistente e perceptível mesmo para outras pessoas. O fato de nos referirmos várias vezes a um “desenvolvimento interrompido” mostra a nossa crença na possibilidade que todo indivíduo tem de desenvolver tal processo de crescimento e maturação. Como o crescimento psíquico não pode ser efetuado por esforço ou vontade consciente, e sim por um fenômeno involuntário e natural, ele é frequentemente simbolizado nos sonhos por uma árvore, cujo desenvolvimento lento, pujante e involuntário cumpre um esquema bem definido. O centro organizador de onde emana essa ação reguladora parece ser uma espécie de “núcleo atômico” do nosso sistema psíquico. É possível denominá-lo também de inventor, organizador ou fonte das imagens oníricas. Jung chamou a esse centro o self e o descreveu como a totalidade absoluta da psique, para diferenciá-lo do ego, que constitui apenas uma pequena parte dela (pp.211-212).

Um longo e profundo processo foi acontecendo na construção do caminho de iniciação da psique feminina e, como resultado, despontam-se, agora, as características identificadas no “Arquétipo da Mulher Selvagem”. É nesse momento que a mulher se sente pronta para romper com tudo o que lhe rouba a vitalidade, a criatividade e sua autonomia. Percebendo o fluir de seu

self criativo prepara-se para enfrentar todo e qualquer aprisionamento. Nesse contexto, destacam-se as características da Mulher Selvagem:

- 1º poder: intuição – boneca
- 2º poder: ensino de Baba Yaga e o contato com a Megera Selvagem (higiene mental, organização da psique)
- 3º poder: Crânio iluminado com fogo diferente no caminho de volta. Aprender a lidar com a intuição. (mais ferramentas, mais poderes).
- Aprender o ciclo vida-morte-vida.
- Morte da mãe boa-demais
- Vida – fortalecida. Não é mais assustador, é da natureza

I. REFORMULAR A SOMBRA

Nesse estágio da iniciação, Éstes (2014) apresenta a seguinte tarefa:

Usar a própria visão aguçada (os olhos incandescentes) para reconhecer a sombra negativa da nossa própria psique e/ou os aspectos negativos das pessoas e acontecimentos do mundo exterior bem como para reagir a eles. Reformular as sombras negativas da própria psique com o fogo-da-megera (a perversa família da madrasta, que anteriormente torturava Vasalisa, é reduzida a cinzas) (p. 127).

Finalmente, tendo a psique adentrado no caminho de iniciação, percorreu todo o processo de individuação, processo esse que Jung descreve como um processo que acontece ao longo de toda a vida, mas especialmente na segunda metade da vida.

2888

Nesse sentido, Jacobi, 2013, relata:

Em sua inteireza, o processo de individuação é um decurso dentro da psique, potencialmente dado a todo e qualquer ser humano, espontâneo, natural e autônomo, mesmo que na maioria das vezes esse não tenha consciência disso. Na medida em que não é impedido, barrado ou desviado por distúrbios específicos, enquanto “processo de maturação ou do desenvolvimento”, forma o paralelo psíquico ao processo de crescimento e de envelhecimento do corpo. Sob certas circunstâncias, como no trabalho prático da psicoterapia, ele pode ser provocado, intensificado e conscientizado, vivenciado conscientemente e processado, ajudando a pessoa com isso a alcançar maior “plenitude”, um “arredondamento” do seu ser. Em tais casos, constitui um trabalho analítico intensivo que, sob a mais rigorosa integridade e direção da consciência, concentra-se no processo intrapsíquico através de uma máxima ativação dos conteúdos do inconsciente, revolvendo todos os pares contrapostos, experimentando vivamente sua estrutura e atravessando todas as desventuras de uma psique que saiu dos eixos, e vai perpassando, camada após camada, até conduzir àquele centro que representa a fonte e o último fundamento de nosso ser psíquico: o núcleo interno, o Si-mesmo (187-188).

Nessa fase, a psique detém a luz do conhecimento, ou seja, detém o cajado do conhecimento. Os aspectos negativos da psique são, por fim, reduzidos à cinzas, morrendo desidratados, como no conto Vasalisa. Faz-se necessário reconhecer o que é trevoso, divino e o que está se colocando como impedimento no caminho. Escutar as vozes psíquicas internas (identificando, reconhecendo e nomeando), possibilita uma elaboração e ressignificação de

conteúdos internos de modo que o Self criativo ocupe seu espaço de protagonista, espaço esse que é devido a uma psique feminina saudável.

CONCLUSÃO

Considerando-se as etapas de iniciação no conto, propostas por Éster (2014), pôde-se, sim, verificar ser possível, à mulher da contemporaneidade, fruto de uma cultura patriarcal, revisitar sua jornada tendo em vista o propósito de resgatar o arquétipo da mulher selvagem cujas características são a criatividade, espontaneidade e liberdade de ser e estar no mundo de forma integrada com o eixo Ego-Self.

Tendo a Contoterapia como ferramenta, conclui-se que é possível viabilizar um percurso que venha favorecer a expansão da consciência quanto ao despertar dos aspectos saudáveis da psique feminina. O conto apresentou as etapas de iniciação para o despertar do arquétipo da Mulher Selvagem que representa o self criativo de cada mulher que, por razões históricas e culturais, perdeu sua “força e potência de ser”.

Faz-se urgente e necessário tirar a “sombra do deserto”, reconsiderando e trabalhando o que foi negado em nós, no eixo Ego-Self, no Si-Mesmo. Achar a essência, o que foi renegado.

De acordo com Monteiro (2008),

Ao não encontrar uma livre expressão na nossa vida, os conteúdos rejeitados se organizam numa personalidade relativamente autônoma no inconsciente, onde fica oculta e protegida. A sombra pessoal não deve ser entendida como o inconsciente em si. Ela é parte dele, a parte que complementa o ego e representa as características que a personalidade consciente se recusa a admitir (pp. 26-27).

Faz-se necessário elaborar e ressignificar os conteúdos recalcados de modo que possa emergir uma psique feminina saudável aflorando-se, então, aspectos importantes do ser como independência, força, desejos, sexualidade etc.

Resgatar a intuição como um caminho de iniciação para o despertar da “Mulher Selvagem” pressupõe identificar as energias psíquicas inconscientes que se apresentam como as partes sombrias, os complexos, a persona, animus e anima e, assim, trazer à luz da consciência cada aspecto negativo e recalcado de modo a ser possível eliminar a escuridão que aprisiona; abrir espaço para o fluxo de energia e vitalidade próprios de uma psique feminina saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cerqueira, Daniel; Bueno, Samira (coord.). **Atlas da violência** 2023.V.2.7. Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>.

Éstes, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

Jacobi, Jolande. **A psicologia de C.G.Jung: uma introdução às obras completas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Franz, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada.** Coleção Amor e psique. São Paulo: Paulus, 1990.

Hall, Calvin S.; Vernon J. Nordby. **Introdução a psicologia junguiana.** 1ª ed.II, reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2014.

Hall, James, A. **A experiência junguiana: conceitos fundamentais sobre análise e o processo de individuação.** 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

Jung, Carl Gustav. **Sincronicidade.** O.C. 8/3. 13ª ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

Jung, Carl Gustav. **Tipos psicológicos.** O.C. 6. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

Jung, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente.** O.C. 7/I. 24ª ed. Petrópolis, Vozes, 2018.

Monteiro, Carolina Antunes. **A inversão da sombra: um conto sob a perspectiva da psicologia analítica.** Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica - PUC SP, 2008. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18609/2/Carolina%20Antunes%20Monteiro.pdf>.

Neumann, Erich. **O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina.** São Paulo: Coleção Amor e Psique Paulus, 2000.

2890

Stein, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução.** 5ª ed. São Paulo, Cultrix, 2006.